PPF-PTPP-09-0001

Pesquisadora expõe razões do fracasso que marca o Mobral

FOLHA DE S. PAULO

25.07.1982

IREDE CARDOSO

Assim como o próprio governo federal, muitos pesquisadores da área da Educação concluíram que o projeto do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) não conseguiu atingir seus objetivos. Como projeto fracassado, vem sendo reformulado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) e esmiuçado pelos educadores.

Os pedagogos querem mostrar por que o Mobral não alfabetizou a população adulta, como se propunha teoricamente. Como, por exemplo, Célia da Rocha Reufels, doutora em Pedagogia pela Universidade Rheinisch Friederich Wilhelms, sediada em Bonn, na República Federal da Alemanha, que defendeu a tese "Alfabetização como fator de desenvolvimento: uma pesquisa sobre alfabetização em massa no Brasil".

Em entrevista à "Folha", Célia Reufels procura esclarecer uma série de questões relacionadas ao Mobral e formula seu ponto de vista sobre o porquê do fracasso do programa governamental.

"Folha" — O governo brasileiro reconhece que o Mobral fracassou. Como vê esse projeto?

Célia — Considerava a organização regional, colocada em prática pelo Mobral, como muito importante, por sua expansão no território brasileiro, se levarmos em consideração o que foi feito no Irã ou em Cuba, como campanha de massa. O Mobral instalou-se em mais de 3 mil municípios brasileiros e sua filosofia inicial foi positiva. Ela reconhecia a capacidade de o homem dirigir sua própria vida, desde que tivesse um mínimo de Educação e de desenvolver o espírito crítico. A filosofia do Mobral foi muito bonita, teoricamente.

"Folha" — E a prática?

Célia — A distância entre a teoria e a prática foi tão grande... O método utilizado para a alfabetização, pelo Mobral, era o de Paulo Freire, mas desvirtuado. E essa foi a causa do grande fracasso.

"Folha" — O que pensa do método de alfabetização de Paulo Freire?

Célia — Paulo Freire elaborou uma técnica de alfabetização que não existia em parte alguma do mundo. Ele revolucionou a Pedagogia para adultos e só não foi aceito no Brasil. É uma técnica especialmente elaborada para um país em transição. Um método que parte de uma antropologia bastante profunda e estruturada, comportando muitos modos de interpretação. E ele próprio foi desenvolvendo os fundamentos dessa técnica, que eram, no início, existencialistas, passando por outros pensadores e filósofos. A mesma intenção de respeitar a capacidade crítica do ser humano também foi a base do trabalho do Mobral, teoricamente.

"Folha" — De seu ponto de vista, por que houve uma distância tão grande entre a teoria e a prática, no Mobral?

Célia — O método do Mobral negou seu próprio programa, ao ignorar essa possibilidade crítica do ser humano. Isso foi feito conscientemente, porque, na realidade, o governo não queria, de fato, educar ninguém. O que se desejava era preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho, sem espírito crítico. Como se sabe, em Educação, se desvirtuarmos a capacidade crítica do homem, ele não terá a motivação necessária para desenvolver sua alfabetização em 5 meses, como se propunha o programa. Dentro do esquema de organização em que se trabalhava, além disso, o pessoal era pouco preparado.

"Folha" — Em sua tese, estes problemas são abordados?

Célia — Parti da análise didática da cartilha do Mobral e dos objetivos do programa. Fiz uma pesquisa empírica que não me satisfaz do ponto de vista científico, porque o próprio Mobral me recusou toda a ajuda necessária e ainda sofreu pressões para fazer esse trabalho.

25.07.1982

A pré-escola pode repetir erro

"Folha" — Sua conclusão foi a de que o Mobral trabalhava para a alienação do adulto?

Célia — Foi. É uma pena, porque o dinheiro investido só serviu para alguns, prejudicando muitos. Além disso, o ensino fundamental ficou às moscas. A verba para cultura e educação, nas prefeituras, foram, em sua grande maioria, desviadas para o Mobral. E a situação do ensino fundamental, todo mundo sabe, é calamitosa no Brasil. Temos para começar 7 milhões de crianças sem escola.

"Folha" — Do ponto de vista pedagógico, a Educação pode conviver com um conteúdo alienante?

Célia — Sempre que se procura educar para a alienação, o resultado é um fracasso. Desrespeitam-se as leis mais fundamentais da criatura humana. O problema recai sobre a motivação, que é uma questão muito simples. É preciso respeitar os interesses verdadeiros do ser humano, de sobrevivência e felicidade, na área educacional e não pensar nos interesses de indústrias ou ideologias contrárias a essas aspirações humanas.

"Folha" — E como foi que conseguiu realizar sua pesquisa, na Alemanha?

Célia — Pude fazê-la porque contei com políticos amigos e outros amigos que trabalhavam no próprio Mobral. Gente muito entusiasmada pelo trabalho, no início do programa.

"Folha" — Como foi feita a análise didática da cartilha?

Célia — Baseando-me na funcionalidade do programa didático do Mobral, pesquisei as palavras, o vocabulário usado, perquirindo sobre sua utilidade para o passado, presente e futuro da pessoa que aprendia, de acordo com técnicas especiais da Didática. Procurei analisar também do ponto de vista da sócio-linguística, essas palavras a fim de observar o valor metodológico no desenvolvimento da técnica da alfabetização. Essa análise já demonstrou que as palavras usadas, tais como "raquete", "avião", "queijo", "chuveiro", "formiga" etc. eram absolutamente afastadas da vida prática das pessoas que estavam sendo alfabetizadas.

"Folha" — Essa inadequação do vocabulário não poderia ser consequência da incompetência dos técnicos que elaboraram o programa?

Célia — Não acredito. Na verdade, é preciso indagar-se porque, nos principais anos de aplicação do programa, colocou-se um economista, Arlindo Lopes Correia, na presidência do Mobral. Por que não um educador? Concluo que o governo não queria mesmo gente consciente para tratar da Educação. Ele precisa de um povo que trabalhe, conheça uma determinada técnica, sem manifestar qualquer tipo de comportamento crítico. E isso é acreditar que o homem pode ser manipulado. Na realidade, pode-se manipular uma pessoa por algum tempo, mas não indefinidamente.

"Folha" — E quais os resultados a que chegou em sua tese?

Célia — Nossos resultados condizem, estatisticamente, com os mesmos aos quais chega o governo agora: 41% da população foram "alfabetizados", até 1978. Hoje já

não se pode dizer quem foi, de fato, alfabetizado, porque o Censo de 1980 irá dar a resposta verdadeira. Entretanto, já se sabe que o analfabetismo aumentou no Brasil.

"Folha" — O governo federal fala, atualmente, em reformulação do Mobral. O que pensa disso?

Célia — Entendo que toda reformulação deveria ocupar um plano secundário, e dar-se prioridade ao sistema fundamental do ensino. Esse sistema não está funcionando no Brasil. Essa ênfase que vem sendo dada à pré-escola pelo MEC também não tem futuro promissor. Nos Estados Unidos durante anos tentou-se organizar um ensino pré-escolar, com alimentação, para compensar deficiências culturais e econômicas das crianças. Essa experiência não deu os resultados esperados. A escola não pode resolver problemas familiares porque eles refletem muito a questão da distribuição de renda.

"Folha" — No seu modo de entender, então, o programa do MEC para a pré-escola não dará certo?

Célia — Essa experiência já é conhecida. Será que devemos tentá-la outra vez, às custas do ensino fundamental?

"Folha" — Dentro perspectivas econômicas e sociais brasileiras, quais seriam as propostas válidas, na área educacional?

Célia — Podemos dizer que a grande massa da população que frequenta escolas públicas não vai aproveitar nada. O que é que eles aprendem, na escola, para a vida? Essa população não desenvolve a capacidade de pensar; que formação oferece a escola pública para a massa? Esse é um ponto fundamental. É preciso decidir se querem ou não preparar a população para que ela participe, de fato, do desenvolvimento da Nação, de um desenvolvimento no lato sentido da palavra, no qual todos sejam beneficiados.

"Folha" — Nessas circunstâncias, qual o papel do professor, nas escolas públicas?

Célia — O professor, de modo geral, tem formação deficiente, não tem espírito crítico porque não foi formado para isso; não ganha o que precisa, além de trabalhar demais. Nesse sentido, pouco ele pode fazer. Mas observo que está havendo uma pequena transformação.

"Folha" — E há alguma coisa que possa ser feita mais a curto prazo?

Célia — Sim. Fortalecer a organização dos professores e dos alunos. Isso é imprescindível. Além disso, paralelamente, desenvolver ao máximo o espírito crítico do docente. E o governo também precisa ampliar essa abertura, que, na realidade, não é abertura. Enquanto não entenderem, as autoridades, que o prof. Paulo Freire é absolutamente fundamental, em sua contribuição, no respeito ao ser humano, dentro da área educacional, quase nada poderá ser feito. Paulo Freire tem uma tal sensibilidade que não pode ser ignorado. Foi o único que criou algo especificamente para o Brasil e isso precisa ser respeitado e conhecido. É preciso que as autoridades educacionais leiam, com maior atenção e sem preconceitos, toda a sua obra, entendendo sua grande contribuição humanista.